

**Vital Corrêa de Araújo**

**2<sup>a</sup> EDIÇÃO**

**(título provisório)**

**POEMAS ABSOLUTOS**

**2016**

**EDIÇÕES BAGAÇO**

**Vital Corrêa de Araújo**

**2<sup>a</sup> EDIÇÃO**

**(título provisório)**

**POEMAS ABSOLUTOS**

**2016**

**EDIÇÕES BAGAÇO**

2015 by Vital Corrêa de Araújo  
Direitos reservados a

## **VITAL CORRÊA DE ARAÚJO**

Projeto Gráfico e Finalização **Leonardo Ferreira-LF Studio**

Capa

Ilustração

Revisão

Produção Gráfica

### **Edições Bagaço**

2ª Edição: título provisório / Vital Corrêa de Araújo; arte visual  
Leonardo Ferreira - Recife: Bagaço, 2015.

## **DEDICATÓRIAS**

À Daniela Pimentel e  
Maria Valentina Gun Dantas Pimentel  
(nora e neta)  
A José Paulo Cavalcanti Filho  
Sébastien Joachim  
Rogério Generoso  
Admmauro Gommes  
Osman Holanda Cavalcanti  
Carlos Newton Júnior  
Aos meus filhos Cláudio Neto e Murilo Gun  
A minha mulher Dra. Ivonilde Dantas.

# CARDÁPIO

<b>VÁZIO .....</b>	<b>6</b>
<b>ÍMPETO NU .....</b>	<b>23</b>
<b>CÍO DO SONO.....</b>	<b>31</b>
<b>SÂNIE.....</b>	<b>38</b>
<b>INTERMEZZO.....</b>	<b>45</b>
<b>MONÓSTICO ÉBRIOS.....</b>	<b>51</b>
<b>ASCESE É UMA MULHER.....</b>	<b>65</b>
<b>ÚLTIMO AZUL.....</b>	<b>77</b>
<b>NINGUÉM É MEU NOME.....</b>	<b>87</b>
<b>LIMBO SALOBRO.....</b>	<b>99</b>
<b>O REINO DO HOMEM É O CÉU NÃO A TERRA QUE É DO HOMEM.....</b>	<b>104</b>

# YAZZIO

Ao poeta, artista, escritor, pesquisador  
sador e elegante Eduardo Melo  
(Freyre Magalhães Melo) criador  
do movimento Festa da Lavadeira,  
no Paiva, e aos 40 anos de amizade

Ao hiperescritor e poeta maior, Alberto  
Lins Caldas, que conheci ele e Eduardo  
aos 20 anos, na SEFAZ-PE

## VAZIO (OU VOO ALÉM DAS ASAS)

**E**xercício de imaginaria ou engenho do id vital.

Pressupostos do poema:

a poesia absoluta é um ponto de chegada

não de partida

não há o que denotar num poema absoluto.

(Tentativa inútil – denotação zero - por parte  
do leitor cativo, presa do jângal antigo).

Não aceite nunca limites estritamente textuais.

Aconselho: destextualize-se de seus vícios  
sintáticos e imerja no espaço infinito do poema absoluto  
(que é o início de uma nova escritura poética).

ADVERTÊNCIA: Para sua segurança leitoral, nunca se aproxime do sentido de um  
poema absoluto.

Saiba: Ler VCA causa AVC.

## ESPESSURA DA SOMBRA

**E**scritura solitária e viva pratico

votos de solidão rendem poemas altos.

A tendência do fragmento me salva.

Da selva da má poesia.

A aparente serenidade é

uma das formas da loucura poética.

Não reformo o deformado verbal.

Todo poema é silêncio.

(A coletânea VAZIO com poemas de 2015, dedico aos 245 anos do nascimento de Holderlin).

## ALVORADA DE LAUREIS

**T**oda alvorada é ébria.

Toda nação circunflexa.

Todo laurel escuro.

Todo lençol lascivo.

Purpúreo o tempo  
em que o divo não era moribundo.

Herdeiros do sal  
e do espólio noturno  
o átimo e o sítio.

Ébria gaiivota pouisa em gávea lenta.

## CINCO POEMAS DE 21.08.2015

**N**a noite imemorial

flutuam estrelas  
mas não há olhos para vê-las  
(nem ovelhas para tosquiadas lucrativas).  
A não ser, visões de ervilhas.  
E bolhas de baleias.

Os metais do sonho enferrujam.  
(Sugestão para cartão de Natal).

As luas da Ásia são desiguais.

Sonolento litoral (de Boa Viagem)  
onde ondas dormem  
sob sal e claridade (lunar).

Sonho com metais insones  
tesouras, martelos de Átila  
amores de hinos e noite moicana. Só.

(Com vinho chileno, da Patagônia,  
Postales del fim del mundo).

# REALIZAÇÕES

**A**quedutos, ginásios, valas comuns

covas lúcidas, coivaras trêmulas

idiotices novas, honras noticiosas

amores enfermos

paz de cavalos

éguas iberas (que brisa prenha)

gozo espiritual (gozoso) invalido

eternidades fabricadas

(com tornos finitos da indústria do tempo)

falsos pórticos celestes (portais escusos)

irresplander de atos (gratuitos ou não)

vias fechadas, veias noturnas

veios sem vontade (ouros espúrios)

desde ti, depois da náusea

estanques cantos, poemas surdos

mananciais polutos, é o que realizo.

## IR E SER

**F**ui a todas as sombras (da vida)

interrogar moedas. A fontes renunciei.

Vivi de deságios. E de usura morri.

À errante alma doei a sede da carne.

Ao meio-dia no meio-fio

da pedra fui com o coração insano

para deleite do musgo

ao endosso da cinza

(servo do pó que sou)

dediquei a vida à morte (essa delinquente-mor)

à dor balé de mágoa encenei

à alegria punhado de prato doei

(sabendo que lágrima não se lava

destruí o lenço).

## VIVA A PENÚRIA E O DESODOR

**T**oda a sequidão do ser serve (a quem?).

O árido é furioso. Funesta face seca.

A crueza da luz. Não impede a sombra.

Os filhos gozosos do céu sumiram.

Os anjos foram exterminados (um a um, todos).

O prazer embosca a sede.

Rumorejam ruas perdidas.

Peregrino do vazio deserto o poeta.

Vivo uma alegria viúva.

Meu coração transborda de muros.

O amor morreu. A dor nunca.

Amo o vazio (azul ou não).

# COLÓQUIOS ESQUECIDOS

**Q**uem abriu (e não fechou mais)

as veias (sórdidas) da cidade sem sal?

Por que caminhos?

E o verbo haver, por quê?

Nenhum sacrifício é triste.

Martírios são alegres (por natureza).

Por que algum deus desavisado ainda nos ama?

O vinho devolve a vontade.

A morte começa numa pérola.

O coro escuro da morte (atordoa).

Portas estreitas estupradas.

Tudo o que propicia é ruim.

Canto aprazível do horror. (a Lins Caldas).

## POEMAS EXTREMOS (2015)

**A**me a sombra dos dias.

Declinante tempo te espera (leitora)  
no fim do túnel cego.

Luz de pedra.

Viva a palavra incúria.

Pâmpanos para Baco.

Pântano para mim.

Sucos de asfódelos cura.

## POEMAS NADA LÍRICOS (2015)

**T**oda manhã é báquica.

Toda noite morta.

Todo vazio noturno.

Escanda o novo pois a vida é curta.

A arte é breve como o dia.

A noite te será companhia.

Não te embriagues dos dias.

Não confies na luz.

Todo afã é falso.

Toda alegria bestial.

Nada existe, além do vinho.

A erva esparsa morre.

O trigo é tênue.

Todos os caminhos da vida levam a precipícios brancos (ou não).

(A solução – desde Camus – é o suicídio).

# VERDADES DIURNAS

O etéreo (e seu empório distante)

não se digna de inclinar-se a nós.

Pobres humanos, criaturas da penúria.

Não há clemência para mortais.

A mais sólida fortuna é de pó. Vais ao pó.

Só incubas a dor (maior).

Não é lenta (é ágil) a tristeza.

Alegria parca. O fio da vida curto.

Algo logo o corta (para sempre).

Com faca parca.

As asas estão fechadas.

A queda é o auge. Ícaro é um idiota

(de cera sem alma).

Só o infinito se estende às palavras

paralelas do poema.

## NOVE POEMAS (2015)

**S**ó a anjos, não a poetas os fervores

do mundo se concedem.

A cada ângulo de nada um canto desata.

Ferve a veia a cada náusea.

Aqui se sepultam portos, estrelas, sinas.

Jardins são dolorosos

capulhos podres.

Nenhum rosto é conhecido.

Só conhecemos máscaras.

Argentinas notas esplendem como moedas falsas.

Rosas, logo, murcham.

A estâncias de luz não chegarás (leitora)

Antes, cegarás.

# DESISTA

**A**uroras de pedra, sono de muro.

Sal anônimo (vida) lançado aos olhos.

Constelação são comboios de estrelas  
das estradas selvagens do céu espalhadas  
como agulhas de luz.

Olhos não têm luz. Só ilusão.

E depois? O zeloso cão Cerbero nos espera.  
(suas mandíbulas esgarçam a alma).

Alegre cítara os celestiais já não anuncia.

## POEMA

**A**o oriente que na verdade não existe

para o afegão, o persa extasiado

para o tártaro benevolente.

A um ou outro verso latino ou saxão

que não é mais do que um hábito de Borges.

Aos amigos irrefutavelmente mortos

o ilimitado nome do Shakespeare

à mulher que está a teu lado (do leito)

e é tão diversa (dixit Borges).

Ao xadrez que é a álgebra dos meus sentidos.

A Érico Rodrigues e aos

campeonatos do xadrez em Vertentes.

A Murilo Gun, campeão de xadrez, no curso primário

na Escola Conviver.

## DOIS POEMAS

**D**os arredores da nádega

o arrabalde noturno, a sanha, o néctar  
do gozo, a chama da vida, o sono.

A hora indesperdiçável.

Dedico os dois poemas a

À Sarça ardente de meu nome  
secreto como um fundo vinho  
à doçura exponencial dos salmos (e lábios)  
ao perímetro da barba de Barrabás  
à água poluta da mão de Pilatos  
ao cume da sina, alvo da vida.  
E a Brahma. (Não a cerveja, mas o Deus).

Faz bem olhar  
o tempo da folha  
o ramo da hora  
o dia da relva  
a horda do pássaro  
especulando a grama.

Com olhos de água e tempo  
vês rosas pubescendo.  
E os mares febris do sono te assomam.

Florestes e martelos  
dores de espada  
asas triunfantes.  
Naipes selvagens  
(valetes de espada de Gerardo)  
ou espadas como lábios de Aleixandre.  
Águas de trigo.  
E cevadas de sete fileiras  
da vodka Finlândia. Com água da primavera  
de degelo do Polo Norte.  
(Além de eiras e foices  
com sons dentro de sinos).

**ÍMPETO NU**

## INFORMAÇÃO POÉTICA

**D**escobri que fazer poemas não depende de inspiração nenhuma. Mas de tempo.

Hoje, 24 de agosto de 2015, escrevi vinte e duas páginas (apenas preciso descartá-las do vinho que me usina): miniensaio para o Facebook e poemas mínimos.

É que não tenho TV fora de Recife. Agora estou no Castelo do Magano, edifício de solidão noturna. E ao invés de gastar sete horas por dia vendo TV, escrevo, a mais do que os outros disponho de 210 horas mensais. Aqui e nos brejos de Água Preta ganho este tempo extra de mais de 200 horas por mês. Dá pra aprender mandarim. Ou escrever dois livros (500 páginas).

Eis o segredo da poesia.

## VERDADES (POÉTICAS)

Vizinhança morreu. Não se ouve mais

tal palavra. Foi violência que  
matou esse tão belo substantivo.  
Qualquer vizinho, hoje, é (suposto) inimigo.

Algo pousa na memória da madrugada.  
E é possível medir a espessura  
da respiração noturna dos pássaros.

De teus olhos brotaram súbitas  
labaredas extremas encarnadas  
e iodios vilíssimos brotaram, além do lodo da vida

E vinhos vieram de teus lábios acesos.  
A luz da volúpia os douravam.

Fontes osculares a meus dedos líquidos.

Banhados de saliva ereta  
teus seios em levante redondo  
crespos mamilos à louca boca ofereceram-se  
pareciam maçãs de Eva  
que Adão mordida pecadoramente  
as aréolas impetuosas sobraram na boca  
(também ereta).

Teu nome é água. E te batismo.

Tua voz é máscara: aroma de aparência.

O nome, no fim, damos à lápide (de graça).

Debruço-me sobre as letras vivas do nome.

Jorro de pranto. Ribeira de gelo.

A tristeza é malvista.

À alegria, tudo.

# NOTAS NADA LÍRICAS

(de uma madrugada do Castelo de Magano)

**I**ncinero o mar por amor a Roma.

Creio próceres, imperadores de golo  
párocos incendeio  
tiaras, paramentos, cornijas afugento.

Os ângulos inconclusivos e carnívoros  
da cidade de Recife decifro  
com taças de alicates e pinças de cicuta  
(da cicuta que sobrou da boca de Sócrates).

À seiva debruada das veias da tarde turva  
que do abismo do ocaso se debruça  
desesperada e ingênua.

A noite coveira vã silenciosamente recolhe  
os ossos (inóspitos mas suaves) da tarde  
e os guarda deliciosamente no amanhã.

Faça-se a luz (hidrelétrica ou não).

Genetheto phos.

Fiat lux.

A Shell abastece o sheol

Através do posto do Vale de Hinnon.

A Gueena precisa de gás.

Poço de água lambe gota de lua.

Os jardins de deleites edênicos foram fechados  
(por decreto de Beleleu).

Vil a topografia do inferno.  
Design ardendo. Urbe de fogo.  
Homens de cinza.  
Aos dedos da dor. Ao lince dos olhos.

Ao amor (humano) dos motéis  
onde hiberna o domingo.

Ao suor cansado do gozo.  
Ao sexo nasal.  
E coitos praticados em cômodos envelopes.

Incenso em espirais contrárias  
desce ao ínfero mundo.

O rio Letes é perto do éden  
(e cercado de indolências  
anjos podres esquecidos esgotos).  
O Siloé está poluído.

A sensatez me absurda. (Manoel de Barros)

Move-me o teu amor de tal maneira  
que ainda não houvesse céu eu te amara  
e ainda não houvesse inferno eu te temera.  
(Anônimo como uma sombra de lembrança).

O limbo é dos cães (brancos).

As caldeiras do inferno  
são movidas a óleo diesel.  
E a cambota a óleo de mamona.

Coleciono cães de porcelana  
e hienas de veludo.

Agrada à turba o tumulto.

Ó velhos ébrios de mim fruindo de ti.

A horda ama o grito.

O que perdure, fundam-no os poetas.

Ao fútil sal adolescente.

Peço que não me ames mais as rugas.

Hospitaleiros sinos soem na lua da alma.

Só creem no divino os que o trazem em si.

O coração pare a morte.

A Admmauro Gommès.

## VCA

**D**obrou o cabo do desespero

esperou trovões vãos  
ao vazio de si se transmudou  
indolente e fatalmente.

Perfurou o arco-íris da lenda  
(em busca de alguma palha, não de rima)  
vergou o lodo do delírio.

## OUTROS POEMAS

**S**orvo do mar de teus olhos

oceanos de alegria intensa e  
me alumia a volúpia de ter-te  
para ser-me.

Dentro da sombra nu  
sou claridade curva.

Achei anêmona bela no mar da fala.

Pode-se ultrapassar a liberdade da palavra.

# **CIO DO SONO**

**a Selma Vasconcelos Figuerôa  
José Neto e Ivaldo Figuerôa  
(primo legítimos e amigos e  
compadres)**

## CIO DO SONO

**A**quele mamilo adolescente

que eu manipulava com apreço  
não me sai da rima  
jamais esqueço.

Olhava o tênue pentelho  
a relvazinha artística da racha  
no prado da cama espalhada  
em apego ventral. Irresistível.  
Eu baixava com perícia  
voluptuosa a bermudinha rosa  
mordendo sua diafaneidade pura.

Branco zelo fazia  
surgir a santa calcinha  
estufada de viço e cárcere  
da estupenda nádega a luz ávida  
e a seda viçosa do olhar  
se espalhavam no lauto  
espelho do motel precioso.

O desejo enlouquecia  
eu não atinava  
com os glúteos da ética.

Àquela carne macia  
e proibida eu ajoelhava.

Polpa opulenta da anca  
inflação do desejo desatava.

Extasiado às raias da loucura  
era lavado  
à rútila ferida debruçado.

(Quando acordei  
do sonho mordente  
estraçalhara de seminais estrelas  
o travesseiro).

Retiro das Águias, 08/08/2015

## POEMA 27

**E**ra uma relva noturna

que a altíssimos olhos constringia  
era um ardor perdido  
ou um cão imaculado na rua antiga  
ou inferno da entrada do Etna  
de santo Empédocles  
era o parto formidável de uma noite  
sem sombras, aparas, remendos, sinecuras  
inteira como um salmo de domingo magoado  
e o crucial urro do rosto  
se estendendo com um horto  
ou céu carnívoro.

Apenas uma lua de carbono desfilando  
num céu distraído  
estendido na folhagem das estrelas  
como uma pocilga astuta de brilhos.  
Apenas um gume a ladrar  
no éden já arruinado  
e o lume das mandíbulas da morte  
clareando o porto da passagem  
ou a luz de acesso a iras nuas  
constratando com a íris do demônio.

## POEMA DA MADRUGADA DO RETIRO

**A**o oco melancólico da vida

sem sangue de gargantas bolindo-se  
(tudo permanente e imobilizado  
como um rio empedrado  
fluxo interrompido das coisas nuas).

A luas hipnóticas e cia  
este poema alto dedico:  
a descendências sedosas que aviltei  
a esgotos florescendo no coração impune  
à terrível germinação dos iodios da idade  
a açucenas aborrecidas (e estúpidas)  
a cruces novas e chagas fechadas  
à dor viva.  
E ao dilema: cão ou leito nupcial?

Ao Prof. (e rei) José Rodrigues  
e ao cel Reginaldo Oliveira  
Marechal do Reino

## A

**A**o pâncreas dos apóstatas.

À próstata apostática.

Aos ossos do profeta.

Aos sinos do exílio.

À relva e ao omoplata.

Ao orvalho, à ervilha (ao quadrado).

À glande do idólatra.

Ao prepúcio dos príncipes.

Ao ovário da dúvida.

Às sementes do vazio.

Às ceifas fôsseis.

Aos fumos torpes (e pulmões de cinza).

A searas crassas.

A mortalhas lúcidas.

a Serpa

A razão não sonha: este é o problema.

E está à morte.

Como serão as exéquias da razão?

Procissão de empíricos e poetas absolutos

a enterrarão com sorriso sonoro.

Como poeta (absoluto) defendo para mim (VCA)  
o pleno irreconhecimento. Que é uma  
forma de me afastar da mediocridade  
organizada – que atrasa a poética brasileira.

Profetizo ossos.

Os ácidos ossos dos profetas profetizo.

Tudo era o ápeiron  
e de sua beira saiu o mundo.  
E um corcel de fogo libertou as manhãs.  
Da racha do frio e do fogo veio a terra.  
Do indeterminado universo. Todos os universos  
(possíveis e impossíveis) vieram do ápeiron.  
O sol de fogo cilíndrico  
e a lua redonda como uma maçã (macia)  
olharam a terra (sua irmã)  
e imaginaram o homem (habitado a ela).

O sol é concha ígnea  
que rodeia a terra ardendo  
e a alimenta de estrela vazias.

Ao leitor: primo sempre pelo inacabamento perfeito do poema pois o encanto e o mistério da poesia residem no fato do poema ser bem inacabado. Habita o maravilhamento poético a inacabação total do poema, o que permite leitor a continua-lo.

**SÂNIE**

## CONSELHO ABSOLUTO C/NOTA

VCA

**S**e você – candidato a poeta – tiver algo a dizer (no poema), alguma coisa – tipo recado de amor ou moral, crítica social ou política, inclusive psicológica etc – se você quiser, através do poema, informar, contar, discursar e tal – é melhor calar. (Para sempre).

Nota: Em especial, dizer em relação a si mesmo, ao mundo, ao outro, dizer dos seus sentimentos etc: amordace-se e passa longe de uma página em branco. Ou votos de perpétuo silêncio anuncie.

## AVISO (6)

**L**eitoras incautas ou desiludidas

o poema absoluto é mera vital ilusão  
não creias nunca na poesia absoluta  
ela é astuta e te leva ao rés do chão  
num segundo ou segunda leitura.

Não arrisques os olhos ou um piscar  
a ler arditos poema absoluto.

Ao menos antes de abrir o livro  
que contenha tais inúteis poemas  
agite-o (ao livro, bem) antes de ler  
e jogue longe.

# A IMAGINAÇÃO

O corpo imagina-se

éden desbragado.

Este poema está  
sob a mesa pública do legisla  
que vai dissecá-lo  
osso a osso, verbo a verbo  
letra a letra, absurdo a absurdo

dele extrair fragilidades  
e expor putrefacências.

Suas rimas torpes estão  
estado de rigidez extrema o ladeia.

(Vim de Tlon  
meu nome é sáurio).

## 8 MONÓSTICOS

**P**avor de betume

Agonizante luz.

A prece do tetrarca bíblico me fere.

A lâmpada e o relógio (título).

Tempo de sal.

Hora de areia.

Horrores de mármore.

Cone de abeto.

(2015)

## 4 POEMAS (2015)

**V**asos cheios de obuses pálidos

veias uivantes, morros de carne  
pêndulos e achaques  
reflexos do sal (e do metalo)  
na água dos espelhos  
(que sopra de Deus move  
paralelo ao infinito).

Longe vazio cravejado de ocre celestial  
amarelo domingo  
estacionado no meio-dia  
crateras de vinho derramado.

Urino sobre papoulas eflorecendo  
quando venho do crepúsculo velho.

Amo treva de nácar  
e arredores rurais.

## FOLHA DO TEMPO

**S**e for luz olhar

ramos de horas  
da árvore do tempo lançam zodiacalmente  
folhas de calendários no chão de sombra.

Com olhos de água e tempo  
capturo momento  
e o uivo líquido.

Qual rosa pubescendo és.  
E moras nos febris mares do sono.

Floretes e martelos  
dores de espada  
asas triunfantes  
naipes selvagens  
eiras e foices (beiras e doces)  
seara de sêmens  
nuances matisse  
eflúvios virgens.  
Como sons dentro de sinos  
espadas como lábios (e águas de trigo).

**INTERMEZZO**

## RIMA BRASIL

**O** que ocorreria (de bom ou mal de melhor ou pior) à poesia brasileira atual (?) se um poeta fosse apresentado a um chanceler? O que desse encontro insólito decorreria? Será que o ministro de todas as relações exteriores (e Perse foi tal) chancelaria a nossa pobre poesia, acorrentada à cauda velhíssima – muito além de arcaica – arcaíssima do neoparnasianismo brasileiro resistente, essa serpente incolor e de mandíbulas gastas... e incisivos falsos?

Eis o presente poético brasileiro juncado de tédio poético – que precisa passar depressa.

Todo o meu desapareço (fiel e integral) dedico a tal poética superveniente e plena de atraso. Em que Brasil ainda rime com anil. E real com anal.

Promiscuidades (com as palavras, em primeiro lugar), vinde a mim, bem verdadeiras!

O acaso é cego. E não há oftalmologista do destino que resolva tal cegueira oportuna.

“No racionalismo dos poetas está sempre presente a nostalgia da loucura” Lêdo Ivo.

Como é o fluir – rítmico, mecânico, descontraído, descontínuo, metafísico, cartesiano, quântico, lógico, dialético – da eternidade?

Como é o fluxo (saltitante, lento, penoso, horário, anti-horário) do relógio eterno. Suas catracas são lixentas, os êmbolos abomináveis ou cautelosos?

Passa o cortejo das palavras no teatro da página. Séquito que vai à alma. E volta – retorno vérsico – à página... em forma de deformado poema absoluto.

À velhíssima (viva e resistente) superstição da igualdade humana.

A tristeza já não é mais ferroviária.

## REVOLUÇÃO LÍRICA

**A** revolução poética aberta pelo movimento Poesia Absoluta irá avançar, porque o campo está livre, as condições objetivas e subjetivas existem, estão postos os condicionamentos de que ela se servirá para nutrir-se e crescer, sem tréguas. E não será um processo moroso. O óbice vital ao avanço dessa nova lírica é o temor da inovação verbal, do novo poético, o estupor e a recusa que ela causa na tradição. Temor a novidade, o avanço, num campo tão conservador quanto o da “poesia” brasileira “atual”, é dureza. O novo desestabiliza o velho (e pouco deste sobrevive), o que causa espécie, revolta, contrariedade e reação da parte da velha poética bem estabelecida e conservadora que só. Não é uma reação consciente, não. É semi-inconsciente.

# DEUS MODERNO DA POESIA

VCA

**N**unca descobri como vim a Holderlin. Algo me fez ressoar seu nome, creio,

quando de minha primeira estada na Alemanha – quando fazia o curso de Inteligência fiscal, em Dusseldorf, Haan e Solingen (por alguns meses). Não havia internet nem outras fontes hábeis de pesquisa – e me vi hipnotizado pelo nome Holderlin – o alemão da Suábia que acreditava nos deuses gregos ou vivia dessa nobre nostalgia.

O professor emérito de História – amigo de vários tempos e situações – Jovenildo Pinheiro – era à época secretário de Pinto Ferreira, com acesso à vista biblioteca física e mental do Mestre. Apelei a Jó para pesquisar e recolher tudo o que fosse possível sobre Holderlin. Do próprio Pinto, obtive-se algo (pouco).

Não havia livros brasileiros sobre o vasto poeta alemão (que viveu 43 anos de sua longa idade na plena loucura – embora os hinos do início da doença mental fossem e sejam até hoje sublimes. Encontro-me, com Jovenildo Marinho Ribeiro, Cel Malta, Nino de Garanhuns, a cada mês, na banca de revista de Boa Viagem (a maior e melhor) do grande amigo Ricardo Calazans e Marily). Falamos sobre minha busca de Holderlin.

Através do Heidegger (caminho do filósofo), obtive não antiga informação, mas uma transformação sobre o gênio lírico suábio.

O poeta é o mais inocente e perigoso dos seres. A poesia é a morada do ser. Os poetas fundam o mundo humano. Essas expressões atravessam (e urdem em mim visões magnânimas) meu espírito avassaladora e gratamente até hoje.

Holderlin é modelo e irmão. E os votos de solidão a que me impus nos últimos três anos – e a greve contra a poesia banalizada e simplificada de agora – devo-os a ele.

Felizmente, de minha primeira viagem (de navio, com 13 andares, dois elevadores, e 15 dias de travessia do Atlântico – no Bleu de France) a Lisboa, consegui tradução (de Paulo Quintela) de Holderlin.

No livro Holzwege (Caminho Filosóficos do Bosque), Martin Heidegger (de quem segui as pistas – por 2 vezes – na Floresta Negra – como fiz a Borges, em Buenos Aires) dedica profundo ensaio (e que reatualizou o poeta perdido) sobre a missão poética de Holderlin.

Na diva elegia Pão e vinho, do início da demência santa, Holderlin dispara: Para que poetas, em tempos tão miseráveis, para que poetas, em tempo de necessidade e penúria? (Igualmente, Adorno, no século XX, fuzilaria: é impossível a poesia, após Auschwitz).

Num mundo sem deuses verdadeiros (só com deuses vendidos nos balcões do comércio da fé coitada) ou de Deus ausente, e pessoas (para quem dor é dólar) conscientes apenas do imediato, do materializado, do metálico da moeda, seres da usura, onde vige a beleza utilitária – e a poesia de salão ou entretenimento – não existem condições – como hoje – para florescimento, recepção, captação e usufruto da verdadeira poesia.

Por isso – como o faz VCA - os poetas desses tempos árduos, duro, falsos, obscuros, difíceis, em que as pessoas portam debêntures no coração, portam que se resignarem à solidão vital e cantar a noite (durante os dias de tormento lírico) a fazer poemas ao deserto (no sentido cristão). E ficar mudo ao mundo, hoje, é papel e função do poeta. Dos meus 13 últimos livros publicados pela BAGAÇO, nenhum lancei ou pu-los em esqueléticas prateleiras de livrarias (livra-me delas! Senhor). A voz lírica verdadeira hoje não encontra eco fecundo, reverberação necessária ou ressonância nos corações humanos ocupados pela usura e bens (duráveis ou não).

Os saís mágicos de Holderlin apodrecerão, ele proferia gritos de desespero, porque o tempo em que vivia o desprezava (e da nostálgica Grécia buscava reconhecimento e dádiva divina).

Intransponíveis muralhas de incompreensão se erguiam contra o canto do destino de Holderlin. Como ocorre e se repete hoje. O que saía da mente superior daquele professor primário e preceptor – belo, casto, inocente e diferente capaz do mais puro lirismo de todos os tempos - não comovia, afetava, tocava as pessoas (da desenfreada burguesia materialista e condenada ao banal, ao vulgar, ao nada de suas vidas).

O trágico destino de Holderlin, em sua luta contra a incompreensão, em seu embate lírico primordial contra as forças do obscurantismo e da ignorância poética verdadeira (tal como agora) deve ser um antídoto para leitores vãos. E os 43 anos da sublime loucura holderliniana um emblema e uma figa contra o nojo à poesia.

Um dos mais admiráveis poetas que hajam existido não é do conhecimento de 99,999% dos brasileiros. É uma catástrofe cultural. Uma idiotice geral. Valha-nos, Deus, afasta esse grotesco cálice da ignara multidão de falsificados cidadãos de cultura curta e arrogância pura!

Durante décadas os hinos de Holderlin foram estudados na crítica do manicômio, como exemplo de cérebro enfermo.

Quando questionou para que poetas em tempos tão miseráveis? Holderlin desfechava um grito de repulsa à vida burguesa pacata e usurária. Ele pressupunha uma era, não de miséria, através da saudade metafísica da Hélade. Ele já adivinhava a trilha da loucura que se afigurava (em sua séria poesia) e já sentia a presença da longa noite de insânia, em que ia se precipitar. Era as vésperas da insana condição, que daria ao mundo eterno os Hinos da lúcida loucura – que milhões de leitores (fora do Brasil) compulsam febrilmente extasiados.

A permanência do seu lirismo e o sentido profundo de seu canto encantam.

“Os poetas são como os sacerdotes do deus vinho, que de alma em alma, de país em país, de poema em poema avançam pela sagrada noite sem fim”. Na mesma elegia em que chicoteou o humano ordinário, a idiotice negocial, ele mostrou o caminho do poeta. Pois não importava a ele que sua visão lírica profunda, sua tarefa sublime, sua voz sem eco na época não fossem compartilhadas pelas pessoas absorvidas em seu comércio e indústria alienantes. De reificados valores presa.

“É somente na profundidade do sofrimento que ressoa o canto vital do mundo”, disparou Holderlin, em outra elegia.

Felizes os tempos que disponham de um poeta para valorizar o humano, desalienar e desreificar a vida. E lançar (como vômito e dádiva) o canto vital que devasse a escuridão humana, amordace o sofrimento, preserve a consciência da beleza verbal e afirme ao cosmos: nada do que seja humano me será estranho. Em nenhuma medida.

Aos poetas – dixit Holderlin, compete a fundação do que haja de permanente e humano no mundo, o que seja de grato à vida. Os poetas fundam o mundo, a cada poema. Não são os homens práticos, banqueiros, filósofos do imediato, políticos ou moralistas que vão descerrar a real face e papel da humanidade. São os poetas os fautores, os fazedores por excelência do humano, mesmo demasiadamente humano.

# **MONÓSTICO ÉBRIOS**

à inspiração líquida  
de vodka FINLÂNDIA  
e uísque Old Par 12 anos  
ou Royal Salute (21)

ao uiscólatra e vodkólatra  
(jamais alcoólatra) VCA

# MAIS MONÓSTICOS ÉBRIOS DE MAIO

(Tente pô-los em árdua alfabética ordem)

**A** severa relojoaria do absoluto poema.

O pátio da casa funerária era turvo.

À pele escarpada da água  
(e árida ou torpe da alma).

Que onda sonolenta desarma.

Todo horizonte é cinza.

Toda certeza vazia.

Zelo por pesadelos azuis.

Que borboleta pouse na minha tumba.

Ar infinito respire a larva.

Ronde o círculo da alma.

Franco vitupério.

A segunda pele é a alma.

De iodios e aspás a vida plena.

Acaricie-me a lápide.

Com pouso de cor imóvel e certo desdém nos dedos.

E não avarie o espírito de bem-te-vi.

O torso do universo é qual o de Rilke-Apolo.

Ossos enamorados (amor eterno).

Caninos ao meio-dia.

Lua da toalha rasga  
sal de cavalos.

Sol da tibia, noite do úmero.

Destroços da sintaxe.

Manto túbio. Caliente parto.

2015.

## 7 POEMAS AZUIS (2015)

**S**obre teu torso ativo lancei silenciosos sêmens

e as moedas dos mamilos bebi com os dedos.

Vômito lancei no silêncio nu.

Ao ritmo da rosa vou com Vésper a ti.

Lânguidos ouros da tarde deixados  
como veludos de março.

Do surdo olhar do cadáver escapei  
por um fio de larva.

Ao silêncio alto voo  
a render a solidão.

À enferma lua da ânsia ergo o joelho da homenagem.

## POEMAS (2015)

**F**oste subindo toda prata

como serpentina alvorada  
por sendas de ouro e espadas  
bem ou mal embaralhadas.

Das almas desnudas nuvem trágica  
rastros branco deixadas  
na última estrada.

A cada estação alada  
pesadelos buscava  
a alma.

A hora, cobria-a  
teia de fumaça.

Sobre falo de areia  
sobre seio de algas  
em cima de mim a mulher  
em gozo se desmanchava.

Era a volúpia vital  
desmoronando.

# MONÓSTICOS PÓS-MODERNOS

**M**emória, só do coração.

Presente é o que passa.

A prata do tempo é fraca.

O mar do tempo é alto.

Odre de velhas terebentinas.

Vaso de vinho dadivoso.

Até à última exalação da matéria.

De chumbos, enxofres, palavras e tempo o poema.

Do fogo de salamandra tine o verbo absoluto.

## VITAL QUESTÃO

**Q**ual a cor do limbo?

O limbo é branco ou vermelho fogo  
encarnado puro ou branco pálido?  
É uma ilha ou um dom o limbo?  
É seu contorno púrpura ou pardo?  
Qual intempérie o exalta?  
Como ele expande sua náusea?  
Que preocupação o atija.  
Quanto úmido é seu claustro? Quanto melhor.  
O limbo é cartaginês ou asteca?  
Nele, vingam-se ainda velhas parreiras áticas  
que o moinho dos pés de Ulisses ataca  
para desespero dos filhos de Poséidon?  
Ou o ciclope idiota.  
Polifemo e cego do olho único.

## POEMA DE 2015

**E**nxame de verbo estaciona na página

ágeis óleos e alecrins de palavra

perpassam a lauda

lâmpadas de aladins fraudulentos

escurecem a alma

pusilânime acetileno vacila

ante escura tosquia

(derrama-se a luz

por entre pedras e declives alados

por entre substantivos ávidos

e interjeições sádicas).

O mar intacto do poema

permanece calado ante

sereias do intervalo.

A Fernando Rodrigues dos Santos  
e José Leôncio Rodrigues dos Santos  
(primo) e à Vertentes

## SETE DITAMES DE BAUNILHA

**S**ílabas de pássaro voam

hiatos de marfim brancos calam.

Quantas maçãs impunes  
comeu (ou comeram) adãozinho?

Mortalhas sérias e viris  
não concordam com teu cadáver.

Em pleno gozo da solidão.  
Orgasmos solitários.

Toda orquídea é casta  
qualquer penumbra é válida.

À sombra fria  
de uma rosa erma vivo.

Agro vento de amargura sopra  
tua vida à beira da lua é chata.

## ÍGNEOS SIGNOS

**E**spáduas de cúbicas ondas

asas de ébria água

mochila de vento

a Éolo arrebatava.

Ao mar vazio

a navalha da alma

a leveza da nuvem.

Ao funil de seda da lua

preito a macio apocalipse.

Sobre vozes nuas

o desterro amarelo.

Com novas ambrosias velhas se renovam

ramos e torsos de fogo as percorrem

ígneo verbo as ergue do leito antigo.

(Calejado pela idade).

# POEMA POR VIR VINDO

VCA

O tempo, que é impiedoso, mesmo cruel, além de irrepitível e irrecusável, literário, como qualquer outro, passa... e no Brasil não se percebe.

A renovação da linguagem é permanente. É evolução tecnológica, não técnica. Não é reforçar o método silábico ou inventar rimas de urânio. Não.

A poesia que 99,99% dos “poetas” brasileiros (milhões e milhões) fazem – artesanalmente antiquadamente – nada mais é que um tecido de significados insurpreendentes. A expressão já era esperada, já estava determinada face ao crasso longo e esperado processo de sua determinação ou melhor, sobredeterminação. Tudo nos conformes tudo bilaqueado, tudo pronto, pré-formulado.

A esse código velho – e sem surpresa – de tratar o significado, preelaborá-lo para que diga algo válido, importante, vital, que melhore o país, talvez, oponha-se o código imprevisível, mesmo ilegível ainda ou sempre da poesia neoposmoderna.

O crítico e poeta luso – Fernando Mendonça, na revista Colóquio (que comprei em Lisboa, na Caluste, em 2012) – diz que hoje existem poemas legíveis e ilegíveis. Os primeiros são aqueles que remetem aos velhos costumes do velho homem, e o fazem num código rígido, sem desvios. Os poemas ilegíveis “são os que, ao invés de falarem pela boca do homem, falam pela boca do verbo”, e essa palavra contém a voz do vir a ser, não foi impurificada pelos significados da linguagem poética velha, comum.

Há um poema que fala, emociona, puxa lágrima, previsível, certinho, irrefutável. E há outro que nos assusta, causa estupor, estranheza, sideração... tal que, no caso, ler VCA causa AVC. Ou cura. É uma poesia que não reflete o acontecido, mas propõe-se fazer o mundo. Ou muda-lo.

Se ela – esta tal nova poesia – diz algo é o que as palavras ainda não disseram. É o por vir (e porvir) do verbo.

NOTA: A rica fundação Caluste fica próximo ao Campo Pequeno (shopping por baixo, por cima arena de touros). Nele assisti estupefato e assustado prazerosamente a três touradas portuguesas, para quem a espanhola perde feio. Viajo a Lisboa em meio de maio, temporada do espetáculo de touros lusos.

## HORA AGORA

**O** último instante é apenas o início de outro tempo

a incisão que abre a veia de Cronos e o fluxo  
dessa substância infinita e sucessiva como o amor  
são chamadas as horas (imperfeitas, austeras inteiras)  
incêndio do qual a cinza é o passado  
a hora verdadeira vive no coração de um tigre  
(quem sabe, portanto, inumerável, copioso)  
é um rastro estendido no iodo, na janela do sítio  
que venha da alma do átimo  
pegada de rosa no sal, sucessão de céus.  
O andarilho do tempo toma a rota e erma  
da noite sem fim e em cada límpida  
ou turva manhã sonâmbula espeta  
sua bandeira com a derrota do passado.  
Tempestade de lábios e amoras  
dedos de lua, lírios com asas  
azuis crepusculares e pranto de prata  
pálpebra de relâmpago, fagulha do sangue  
fileiras frias, cálidos vazios  
golpes de açucena, túneis da veia  
formas em que o tempo se desdobra  
estátuas violadas, ataúdes estofados  
touro copulando com monjas  
calhandras e baixelas amadas

lamento por conchas e razias  
ossuários de terebintina  
e navalhas congelando sombras  
são caminhos do tempo infinito.  
Cal e canto, relva e estrela, sal e pêndulo  
estrebaria cósmica, gado de estrela  
labaredas de silêncio e angústia  
imprimem-se no rosto da hora  
o fêmur da espera se transforma  
em desespero e história.  
Vidro de pupila, sol do sáurio  
signo baldio, ardida aventura  
eis o deserto onde frutifica a hora.  
Rumor aceso de aço, espada e lábio  
pó em que se transmuda a face  
coração que se torna coivara.  
Azeite e arado, solidão ajoelhada  
martelo cronológico, bigorna do espaço.  
A febre que é o futuro  
as hostes da sucessão em riste  
demônios em gôndolas transitórias  
longa noite de espinhos  
auspícios estrangulados  
o trânsito encarnado em despojo  
a vida escura, o alarido alado  
relógios amolecidos pela inglória  
a morte e seu cajado de pó e missal de cinza  
ossos alucinados, cemitérios vencidos  
o açúcar do cárcere refinado

a dor do amanhecer importada  
ânsias febris desatinadas  
gargalhando o espanto horário.  
Do humo do destroço  
do acme da passagem  
do hino do pós-trânsito  
da hérnia da variedade  
do plasma das promessas  
dos ossos das vozes  
e tomos do desamor  
nave carregada de hora  
porões acetinados de pássaros  
a maçã hospitalar  
o trigo nevoento  
tudo se faz âmbito  
se eterniza o agora  
e o calendário se exaspera.  
A voz de metais velhos, o lamento  
passageiro, a contenda sem braços  
o coração tedioso da rosa  
canção percorrendo arcos  
ex-cinzas que foram chusmas úmidas  
estirpes que o vento devorou  
desertos transformados em praças nômades  
exércitos de instantes derrotados  
o sítio desancando o átomo  
a vida em forma de mecanismo rítmico  
as gôndolas do tempo tornadas ostras  
pêndulos encarcerados  
voos coagulados  
eis a história da hora.

**ASCESE É UMA MULHER**

## POEMA QUASE LIBERTINO

**A**scese é uma mulher.

fêmea insatisfeita. Sei-o  
seios firmes, aptos, invencíveis, socráticos  
(e piramidais como o sopro de Deus)  
ascese me ama, o louco que sou, assim  
louca que nunca irás a piras de êxtase  
me levas, ascese indubitável.

E assim é o início do poema de todas as ruas  
do mundo (que começa em Recife).

Ascese fez-me conhecer a vida nua  
o encanto dos objetos depostos (e irredimíveis)  
sobre cômodas frias e indiferentes  
como uma rã na lua. Gozo inexorável  
me espera (e não me desespera a vastidão).  
Imagens cruas me assaltam quando só  
estou com Ascese – e me avivam.  
Como o poema é-o em si, contínuo  
vago, portátil, petuoso, arábico.

Sei que a respiração da palavra é vital  
para que o poema se egiptize e  
totalize-se. Embora, os probos códigos  
todos se degradingem, não desisto dessa  
árdua carnificina simbólica... e sigo  
sem aspas, reticências, vírgulas  
sei que o silêncio insuportável e atento  
dessas linhas enlouquecidas te insana  
leitora de olhos analfabetos, leitor  
de ovos incuráveis... ignaro traste  
de orfeus de rima e apolos castrados.  
Se o silêncio não tem país, a solidão  
é um golfo surdo, ao abrigo de barulhos.  
Com hímens imperecíveis sonho  
a cada noite brasileira, ao lado  
do cadáver de um verbo meu orgasmo.  
De ti possuo o jogo contingente  
a nudez estrepitosa.  
Sabes que palavras apodrecem  
verbos morrem (precisas inumá-los)  
e a sintagmas nada melhor que o lixo  
ao lodo da lareira pois fogo purifica (e polue).  
E renascem do lápis dos poetas  
inteiras, escanhoadas, prontas para a página.  
E o corpo (verbal ou não, humano ou quase)  
foi feito para arder de êxtase  
fluir de espasmos e possessões  
preenhe da respiração dos pássaros  
ávido de voluptuosas aventuras.

Nunca esqueças tal. Se não, não serás.

À luz dos cavalos vás aos pés amados, ao galope dos olhos.

Vás à indecência viva, ao horto sem culpa.

Vás a fogueiras impávidas (corporais).

10.08.2015

De trêmulos espelhos é feito o mundo

a vida, de apanágios escuros

o tempo, de sal e do líquido do trânsito orgânico

as flores, de vidros do céu.

Pela relva dos lábios amados círcules

entregue aos demônios do corpo

à extremadura dos desejos... no gozo

(líquido ou não) está a ressurreição da carne.

É unânime sentir o outro em si.

Morrer d'amores poliédricos e escassos.

Quando oro a uma racha num coito

percorro, percorro, percorro

toda a geografia do ventre, pois

sei que ao sul dele está meu porto.

A uma ilha de insolitude irei

me desmorrer quando a hora soar

como dum sino surdo arder o som ou a luz

gorar nos meus olhos onde boiam

verdes desejos. Ainda.

## DOBRA DO TEMPO

**A** luz hermética do verbo vivo.

A loucura do poeta está na palavra.  
Nas palavras que criam o tempo.  
Não nas palavras que gastem a hora.

Inóspito verbo absoluto

Espera-se algo destoante  
e vem algo destituente...  
o que é desconcertante.

Viva o desconcerto.  
Concerto para ele.

Felizmente, não há luar.

Hermética luz tudo ilumina  
desde cantos áridos a canções de granito.

### VCA

Dobrou o cabo do desespero  
esperou o trovão em vão e golpe  
de relâmpagos que não veio  
(veio o vinho, veio a veia, a sede veio)

e o uivo do aurífero velo)  
ao vazio de si se transmudou  
indolente e fatalmente frio perfurou  
com propriedade o aicibergue do espírito  
assaltou o arco-íris da lauda  
vergou o lodo do delírio  
sobre amêndoas distantes flutuou  
o intemorato murmúrio buscou.

Servo do mar dos teus olhos  
me alumio da volúpia de ser-te.

Dos teus olhos, amiga perdida, brotaram áridas  
labaredas extremas encarnadas  
(luzes de desejos rurais ou azuis)  
e iodos vilíssimos brotaram.  
Além dos lodos de sempre.

E vinhos vieram de teus lábios tintos de líquidas lascívias  
(odres sedentos com dentes de orgasmo ou mandíbulas de volúpia)  
fontes osculares, oráculos de carne  
a meus dedos também líquidos dedicados.

Banhados teus seios eretos  
pareciam maçãs de Eva  
que Adão mordera.

As aréolas impetuosas  
não sobraram em minha boca  
(eslava e lasciva).

## NOTAS ALGO LÍRICAS (OU SORTE DE MEDITAÇÃO)

**S**ó vivo quando não escrevo.

A nudez dos dedos é adorno para seios nus.

Quando mais eretos, mais suaves os seios.

Crítica surda à verdade lírica é defecável.

De tranquilas querelas  
com a palavra solidão  
(verbo utópico, preciso, urgente, ávido verbo)  
vive a obra vitalina.

Poeta cria regras vesgas.

Na longa relva do céu estrelas  
pastam luz sólida e clara solidão.

A culpa da crise é de Capitu.  
A velha que insiste em não morrer  
para descrédito da literatura brasileira.

08/2015

## PESO DESAPARECIDO

**E** o peso desapareceu das coisas quando

irrompe com fervor e sem náuseas exatas  
só com alto viço na lauda o poema absoluto  
(não mais ames o viço da náusea, e o hábito  
do por vir do sentido absoluto se instala).

Num poema de ritmos vermelhos  
contei a história da sombra  
(dedicado a Jung).

A imaginação literária em ato  
o potencial imaginário do homem  
atualizo em poema, realizando assim  
a poesia que é fração vital (e fractal)  
íntegro fragmento, porção da experiência  
do mundo inacabado.

Portanto, para poeta (para sê-lo)  
não basta escrever verso  
mas desenvolver a mais adequada  
concepção do mundo, da vida, do ser  
em poemas humanos demasiados.

## MEDITAÇÃO ÁVIDA

**S**ucatas iluminam uma vida inteira

além dos vestíbulos do empório empoeirado  
embora essa luz residual, mecânica, áspera, acidificada  
essa luz galvanizada e inoxidável (além de surda)  
não ilumine bem velhos aparatos  
e comezinhas fustiguem os arredores  
com perícia antiga.

## ZELO PESADELO

**A**ntes de adormecer no Retiro

costumo costurar sonhos  
(com novelos ariadníicos)  
remendo suas vestes turvas  
algo estragadas pelo roer do sono  
ajusto-as (com ajuda de soníferos  
e auxílio do desdém noturno  
à jornada da noite heroica e cavilosa).  
E faço com exímio cuidado as ágeis  
barras do pesadelo.

## A LEITOR HIPÓCRITA (OS MEUS – VCA)

Caminho na praia noturna de Boa Viagem

(há 50 anos, a 170 metros, inexatos  
da Biblioteca Borges – vizinha ao  
quarto onde Gun nasceu em 1985)  
vi uma metáfora enorme na areia  
descuidada (e meio que assustada, talvez)  
o mar noturno um pouco crispado como um círio levou ondas  
às areias diamantíferas de B.V.  
o que resultava no parco desespero  
da metáfora abandonada.

Então com filológico zelo recolhi-a  
(a meu velho alforje de plástico)  
e levei-a ao livro  
de onde escapara.

a Eduardo Melo, o herói das lavadeiras

## VISAGE

**O** abade vê o longe

e acha parecido com Deus  
(ou algum conde decadente)  
o monge olha a chuva e sente  
lágrimas de Deus em seu rosto fervoroso.

No manancial silêncio  
(da cela com cilício do mosteiro)  
analisei as visões... e sei que Ele  
esteve na página... e deixou rastros.

(Quase oblato, não tive  
raça de renunciar à vida exata ou incasta).

**ÚLTIMO AZUL**

# POESIA: QUALIDADES ESSENCIAIS

Vital Corrêa de Araújo

**C**ontribuição à questão (sua dirimição, em última instância) essencial que avassala o debate poético – mas não submete críticos insubmissos), no que concerne a:

- exigência obrigatória de tema ou fio estrutural
- incompreensibilidade (ou indizibilidade) do poema
- indeterminação (ou ambiguidade) poética essencial
- não univocidade (ou necessária pluralidade) ou equivocidade completa
- pelo hermetismo (ou contra os dogmas perniciosos da clareza, da explicação lógica, exata, indubitável, quase matemática, da mecânica compreensão imediata e cabal – cabo a rabo – do poema, porque esses são requisitos inerentes à prosa).

Ou seja, contra leitor perspicaz.

- crua logicidade, inclusive imagética, que se impõe ao poema como condição sine qua non de ser poesia, ou com finalidades e objetivos poéticos suspeitos.
- visibilidade (do conceito de J-M. Adam, com o nome vernáculo criado pelo grande tradutor e teórico, Mário Laranjeiras) que consiste no fato de que o poema é reconhecido e operado pelo leitor duplamente de modo simultâneo: visto e lido. Ao olhar para a página, em que se insira o texto, leitor vê tratar-se de um poema – e não outra coisa, e isso gera predisposição para uma leitura poética, não-referencial, numa busca de desvio lógico, de sentido oblíquo e não normal. A atitude visível foi básica para o poema visual, em extinção.
- sentido apodítico e frontal do mundo, sendo objetivo do poema senti-lo (ao mundo) e esclarecê-lo (o mundo), contra o cego querer dizer, a sanha de informar, a indubitabilidade certa do poema (e conveniente). E a má formação da informação?

- tudo pela dubitabilidade absoluta.

- ânsia (ou mesmo volúpia) de narratividade normativada poética de dizer, informar esclarecer “mensagem” (o ego do mundo), explicar cabalmente, sem nenhuma dúvida ou área cinzenta ao menos, eliminar todo (e qualquer) mistério ou possibilidade do leitor não entender, em suma ser claro como um meio-dia tropical. Perspicácia zero.

Em síntese, que leitor interessado utilize essas epígrafes, comentários e fragmentos de texto para dirimir (ou ajudar a) a questão da incomunicabilidade sagrada e cabal do poema (da poesia como condição sine qua non de sê-la ou de contê-la o poema; de seu mistério, exigência de seu âmbito, e desalicerçar a utilização da linguagem poética para fins de informação, mensagem, contação de história, descrição de emoção; para dizer algo, explicitar coisas, dar lição (de moral ou não), comover, educar (fora do âmbito do conhecimento), o que é, em essência, contrário à função poética da linguagem (por ser matéria de outras funções da linguagem). Resultado da premissa levantada: é território sagrado da prosa: dizer, narrar, explicar, informar. E da poesia, de ser.

ADENDO: é risível e altamente ridículo, sobretudo culturalmente baixíssimo, poesia como deleite de salão, domingos lítero-culturais e feriados civis, em que se declamam sonetos à pátria ou à amada (em seu aniversário ou fim do ciclo menstrual). Poesia como sorriso da sociedade nunca mais.

Recife (UBE) 2002

# ÚLTIMO FÔLEGO AZUL (E VITAL)

(da série aporias coloridas)

**D**o feitio de orvalho e coração

é como se apresenta o campo  
da Senhora Natureza ao bulício do amanhecer  
ao lauto burilar da luz dos olhos acesos da manhã  
de hortas arrancado fruto alevantando vivas raízes  
de covas erguendo vagarosas árvores  
brotando da sede do chão de ser  
do racimo ou fio da água nutridas  
dos fótons do sol alavancando forças viris  
para subido lenho onde uive seiva  
lume vivo da linfa verde corra.  
E assim opera a vegetal mão de Deus.  
Divo mecanismo que se teima destruir.

Os meigos matizes da violenta de sensato azul  
(e secreto carmim) aliam-se como irmãos  
ao céu viril em vital volúpia.

Golpe ávido de rubor vasto  
se dispersa pelo ar livre do pássaro  
(como um aliterado alicate)  
cru acalento de bálsamo  
sobre almas se derrama  
para satisfação ou regozijo dos pés  
verde aroma varre

todo o mundo natural

poesiabsoluta.com.br

2ª EDIÇÃO -81-

(de que o homem é mero invasor malvado).

Pois o reino do homem é o céu, não a terra.

Então olhos extasiam-se

néctares apuram-se

olfato amplia-se

íris endoidece quando

do rebento da rosa Deus desce

para do sopro do barro avivar a terra

e lírios não envelhecerem mais

e dália enlouquecer a Beleza.

Somos párias de impureza

tórios de escória

muro de detrito vasto

viga abandonada no teatro

lage de ar e pássaro

de cimento inefável:

somos poesia.

Ágil (de lígures e fenícias vivas)

amálgama breve de rara porcelana.

Clavícula de vento, liame árduo e novo

arame carpado, tornozelo lasso

perfume de conforto e sulfato.

As últimas sílabas do apocalipse de Perse per se  
ofereço ultradose ou garbo trago  
de poesia absoluta.

Á assembleias de granito e a leis devassas  
ou impróprias ao povo cuspo.

À ave de veloz rapina dos políticos em ascensão  
aos cofres mais fundos compostos de urro doo bosta.

Veio a lua (céu, mineral noturno, acolheu-a  
inteira e nua rocha alta) intensa esfera  
e sua jazida de prata pouso  
no meu rosto escuro (morgue da cútis)  
como sílaba na palavra poesia vândala.  
O coração das coisas terrenas e humanas  
estancou para tocá-la ou pungi-la  
lua agrária (da cidade exilada).

Foi-se a lua  
minguou a rua (e a rima nua)  
e o cão que a olhava estiolou  
teve a retina cortada Dali  
por louca lâmina de celuloide do espanhol.

A prata apodreceu.  
O coração rearmado  
para nada pulsa.

poesiabsoluta.com.br

## DAS VEIAS DE SIÃO BABILÔNIA UIVA

Que corre no grande rio estranho

se não caudalosas lágrimas (ou crocodilo louco)  
hoste de sal que assalte salmos, urros de sáurio ou prurido de larva  
últimos ladridos das ladainhas de barro suspenso  
líquido eco de hino arcaico, o oco  
fundo de um coração de pecado (atravancado)?

Que corre no leito desse rio de dor  
(por que suas águas de lágrimas se armam?)  
se não líquido salvífico de delírio o poreja  
em busca do mar da penitência mor?

Que se recolhe dele que não sal, vício, desamor  
e grito oblongo, sofrimento de ser?

Que resta deste delta da história  
da dor do mundo se não a sina naufraga  
do povo da ribeira do Eufrates forte  
como o foram as civilizações  
tributárias desse tumulto lírico de água e limo?  
Presa de aços fundos de saudade em vão  
e de marasmo do ser que flutue do lodo?

Que reverberam das ribeiras de gritos e pedra  
se não penúria e aborto, além de correntes de ferro líquido

gusa fervorosa ou bandeiras de loucura em brasa acantonadas  
em cubas de aço liquificado e gomos enfogueirados  
e cubos de temor instintivo e atávico  
dos mastros do tempo inconsciente desatados  
atados a timões desesperados (e sem rumos)  
à busca de cais propícios a âncoras lerdas  
do férreo delírio de água possuídas?

Se não nações rastejando a vãs sinas de egos  
procurando covas ou desmoronados tugúrios  
pecadores à cata das cinzas do paraíso  
(e redenção fictícia)?

Fogo votivo da urna do lacrado templo  
guardam-no virgens romanas afáveis ou lunares.

Portas de Januo escancaradas  
ira solta, luz agonizando (réstias leprosas ou felizes)  
bélicos cães dilacerando campinas e corações  
a lavra da morte, o fruto naufrago, foice certa  
hemisférios acantonados (como abutres atentos)  
nos cones negros da cólera  
das terras devastadas de janeiro  
(sem fevereiro e março ou carmim outubro)  
cinzas das quartas-feiras de abismo branco  
heranças espoliadas pelo vórtice belicoso  
dissídios cegos, esperanças estupidadas  
espólios destroçados, agônicos dias sem ventre

cardíaco tempo, hora da morte anunciada  
em cada veia, rosto, máscara  
penates abastardando lares  
espírito arrasado por demônios cívicos.

A lugar seguro nenhum vou  
a viagem é quando (terminal do ser  
estação de Rimbaud, fauno de Mallarmé)  
e onde é a que chego (última  
parada do sangue, via fechada à veia).

Concorde como interrogo.  
Pergunto por mim (ainda sou?)  
naípe e diáspora, pleito e ultimato  
ou apenas luz que náusea exale?  
Zero, esquerdo, palavra inominada de desânimo  
da vida anônima do homem?

E as estrelas por que estão lá?  
Apresadas no céu sem dúvida  
espetadas por Deus.

E o ermo que me tanto espera está  
não tão distante, talvez, talvez longe ainda  
abaixo ou acima, concha  
inútil e casta, morte  
sempre presente (atenta?) esfera sem limite  
sombra do id, baunilha de dor (adiada  
para os quados insabidos e irrecusáveis)  
colmeia de treva, desamor. O que mais?  
(Que alguma leitora possível responda).

**NINGUÉM É MEU  
NOME**

# ME CHAMO NINGUÉM

**N**inguém é meu nome

sou da longa linhagem do nada  
incompleto pária, touro castrado  
épura sonolenta, vitral de soslaio  
cacos de cores, celofane amordaçada  
gravura de cromo, cinéreo instantâneo  
sombra poluta, adiada dor vital.

Nasci para ser ímpar ou dúbio  
pária impuro  
e vou embora logo para quando ou insabido onde  
(assim que o futuro terminar).

Onde é o lugar que habito desde ontem  
é assim que volto ao passado de ser  
(recuperando as carnes desperdiçadas, talvez)  
ou apenas completar o desser.

Meu tempo é sempre trânsito  
mero pretérito imperfeito atravessado fui  
futuro é nunca  
sou ultrapassado pois (porque)  
meu nome é Ninguém.

a Sésilu e Uéssido

irmãos fraternos de Ninguém.

(Será que Ulisses mediu o falo de Polifemo bem?)

Acúmulo de auroras desmensurando  
auréolas de luzes em expansão vital  
para aprazável canto propiciar  
aos mais profundos e dissonantes escuros  
a noite se construindo de dados claros  
adornada de vestígios impuros (e calíça louca)  
vinho resolve a vontade, sede atíça o ser  
devolve sentido todo o plural celeste  
todo coro do cosmo a poema se apresenta  
em torno do sentido do voo de abelha.  
Colheita de porcelana ou frutos avaros  
à mesa da palavra. Só restam  
então embriagados dias, luz de afã  
e noites de infinita lã.

Ao tosão

Sonho com arquiteturas velozes e nada vãs  
com velocinos de lã ilusa aos montes (além  
de edifícios lentos ou amáveis baluartes de nada  
sonho com geometrias bêbadas e indóceis corredores  
muros caídos de probos labirintos, sem centro ou êxtase)  
cujas sombras levam a lúcidos touros  
feras do coração sem rumo  
caminho que a morte percorre dia e noite.

Sonho com dilaceradas colmeias e fatigado néctar  
anseio por vicissitudes e edifícios desmaiados  
  
do pacto que fiz com objurgatórias amáveis ou não  
sobraram preces genuflexas, cócoras de orações  
ditirambos podres e um cordel de canela sem nome.

Sonho também com tentaculares utopias  
chegam a meu sono campos do futuro.

A mais velha parca pedi fio de prata  
um condão de tempo para a mais jovem  
e a tesoura parda pedi à outra.  
Vivo a escandir sem pressa  
(sem a pressa que aniquila o verso)  
trissílabos inteiros, inteiriços e decassilábicos pés  
de trena em riste furioso  
rimas perdidas garimpando num baú vermelho  
(como do olho de boi o selo)  
em odres de sílabas velhas  
ou da víscera algo melodiosa de vetusto dicionário  
algum alfarrábio de fonemas finados  
e da bateia desse árduo ouro de som talvez  
ânus castos, portulanos áridos, mapas sem norte  
e lençóis de sílabas devassas  
envoltas em hiatos de musselina nua.

## ENQUANTO

**D**o umbral da sombra tímido

luz da algema oscila  
ao longo dos cubos do sangue  
do deserto ápice da brenha de areia  
náufragas épuras feridas gritam e o eco  
dos oásis se derrama como sêmen  
sobre panda garganta  
enquanto brotam altas espáduas de tempestades  
e lâmpadas simulam iluminar  
tornozelos tristes do verão amaro  
esporeando a pele como lento cavalo  
enquanto hastes litúrgicas grangrenam furiosamente  
e miragens de argila alçam-se  
das tendas das dunas rastejando  
a sábados abandonados.  
Enquanto abôbadas cerradas aquilatam  
as curvas exatas do céu findo o poema  
enquanto.

Auroras de muros, sal lançado  
sobre olhos anônimos e pardos.  
Comboio de constelações perdido  
nas estradas selvagens do céu.  
O surto dos efeitos escuros  
a amálgama de treva e fenda  
sobre as sombras que somos estabelecidos.  
À espera do aborto o zeloso e crasso  
cão cerbero se arrasta  
mas o pai éter não acata  
suas cabeças e senis maldades.

Nota:

De propósito, desaproparoxitonei cérbero, por influxo sônico.

Arenque aos saltos assusta o planalto  
o onagro equino atravessa o silêncio  
lâmina a lâmina, sal a sal  
a candura feminina doma continentes escassos  
rumor de clavícula páramo embeleza  
fagulha de cone embosca músculo do abdome  
pégaso agudo do ar vísceras fustiga  
soa como crótalo luminoso intestino do cacto  
sílabas de alumínio crocitam na lauda vândala  
e metal das aliteraões poreja a página  
rocim rocinando sela o relâmpago espírito agrário  
raio cruza o prado, empoeira o céu  
(ouça o nitrir das narinas convulsas  
dos cavalos alucinados do poema escoiceando  
as rédeas solta da malévola leitora).

A ferócia tropeja, o feérico sobeja  
a carótida do rei agoniza em praça pública  
ofegantes cartilagens resfolegam  
insaciável tropelia esporas do grito abaula  
nu confim espreita início aceso.  
Pradarias virgens inda abertas e o pelo das ravinas  
nelas ereto tropel de cavalos alucina  
rosas viris, cios poderosos e óvulos de éguas  
intumescem veias e apodrecem hinos  
centauros enlouquecidos da volúpia do conflito  
do certame atropelado por alvorada de cascos  
e ciúmes de deuses estrebucham no domicílio raso  
rebentam pássaros, cansaços vibram  
vórtice dos cabelos agitando a brisa e as crinas do luar revoltas.

Abelhas emboscam embolias (violas silenciam)  
marés de crinas flutuantes se unem  
a flatulências de obesas madames (que uivam  
com a dor dos lipídios intranscendentes)  
como incêndio de bandeiras sobre ombros  
ou palavra atropelando poema raso  
é o cavalo do verbo galopando a página  
o bronze das esporas martelando cabelos  
omoplatas poderosos em revolta  
e músculos rebelados em liça ou choque  
com a máquina da estultícia deixam  
nervos do dorso em delírio curvo  
chicote de relâmpago ama saraiva de zinco  
junco de tempestade aliena  
a escuna do sacrifício.

Maravilhoso é o fervor do verbo gestando poesia  
o lastro da metáfora lançando ogivas de imagens  
rédeas soltas do dínamo da imaginação  
a as sílabas do apocalipse (rebeladas)  
maravilhoso fermentando da palavra humana  
assentada na página branco útero ébrio  
do poema absoluto  
sublime teor poético desencadeado  
apregoando o futuro do verbo passar  
vazado em delírio eterno (para delíquio do tempo)  
demiúrgica vertigem movendo a realidade  
toda a esperança da poesia incitada  
maravilhosa irrupção do eterno na lauda  
a potência do ser atualizada não se sabe  
em que consiste, o que outorga quanto êxtase  
desarvora.

## MEDIDA DA DESMESURA

**V**ivo uma alegria viva

meu coração transborda de muros  
o amor morreu mas volta a dor  
figurando a intensidade do ser  
o árido é furioso  
funesta a face seca  
a crueza da luz não impede a sombra  
os filhos gozosos do céu dispersaram  
tudo falta, até o excesso  
impulsos grassam e ímpetos se precipitam  
mesmo que a graça estiole  
se felizes os filhos do céu não importa  
se a sombra é arrastada por bestas  
ou anjos tanto faz para o poema  
que não se subordina a dons ou limites.

## ESTUDOS DE TIGRE (CAÇA)

**I**nsígne, rápido, de malícia e cálculo

bala e gato, tigre lança seu hálito

feroz destreza arma, engatilha

medo no gesto da vitima (presa)

fluxo de sua face assassina

espelhado no rosto da morte.

Jato de horror deixa na alma do jângal.

Pegadas de dor na carne, arma de temor.

Tigre lança seu urro, sua sina

todo o peso do seu instinto instantâneo

sobre indefeso, ávido, venoso,

alvo pescoço área cilíndrica

cárnea, viva, torneada

onde planta sua mandíbula exata

garra que o sangue fecunda, alastra presa

quando músculos poderosos acionam a dentada

(ou fêmures estraçalha onde

linha da cintura ataque).

Mandíbulas exatas, precisas como alma.

Ao derredor da dor garras

(que não são azuis)

apalpam com calma violência trêmulo

corpo da vítima – verso da alma – que agoniza

sufocada, temerosa, indefesa, uterina

(em trânsito para o nada).

(poema ao hábito jugular do tigre).

-98- Vital Corrêa de Araújo

apenasvital@gmail.com

**LIMBO**  
**SALOBRO**

## POEMA AS CORES DO GRITO

**O**blíquo limbo onde vigiam luas de adeptos

do tigre e fuzis da palavra meditam.  
Com urros brancos, dentes púrpuros  
raias de sangue do olhar coalhando  
medo no coração oco dos homens  
com rituais saís de grito e véus listrados  
tigre lambe rajado dia  
povoa noite de estupendo temor  
(deixa Borges bêbado de êxtase  
do seu trêmulo labirinto sem cor).  
A espera da vitória do minotauro é vital.  
Lanças de volúpia é quando  
adepto do tigre toca  
dorso rajado, rápido e de joelhos ora  
ao deus felino, à cor coral  
móvel como o verde da selva  
antes de entregar a alma  
como a carne estraçalhada

à terra ferocíssima listrada com sangue  
e sede sem data.

-100- Vital Corrêa de Araújo

apenasvital@gmail.com

## CONHECER

**D**a manhã nascente te conheci

estavas nua como o início  
eras minha como a alma  
teus seios eram duas auroras tecidas de carnes  
rebentando-me das mãos  
despontavam disputados dos lábios os mamilos  
(que os dedos enrijecerem).  
E eram gazelas teus pentelhos.  
(Perfeito eneassílabo).

O arrebol do púbis esplendeu  
resplandecendo a rósea penugem  
pasto de minha boca voluptuosa.

## HOUVE OLIVEIRAS

**S**e ouve das oliveiras o azeite

descendo por condutos (lenho afável)  
pelo golfos e esôfagos  
das gargantas doces e verdes.

?

Que oculta melancolia te assalta  
irmã de meus pecados.

De ancas e torsos belos  
que povoaram de gritos  
a solidão vital.

## ARTE DE OLIVAR

**V**irgem morreu o azeite

óleos jazem  
sob sete palmos de carne.

Uivo das oliveiras  
rios de oliva  
que gota a gota

dente a dente desce  
pelos empórios da boca (corpo)  
para o consumo da alma.

-102- Vital Corrêa de Araújo

apenasvital@gmail.com

Os ferros da metalúrgica aurora  
as nuances do cálcio, os óxidos nascentes  
rastros e rumores da manhã metálica  
espelho da noite naufragada  
no coito da lua e do sol  
entre rosas orvalhadas  
e o cio onipotente da relva.

Das praças ladrar de bronze  
das esquálidas estátuas dos heróis  
dos palácios onde escusos negócios  
entabulam-se ao sacrifício do sal.

Mortuário aroma das ruas esmigalha  
narinhas e virtudes odoríferas.

**O REINO DO HOMEM É O CÉU  
NÃO A TERRA (QUE É DO PÁSSARO)**

# DIÁRIO ORNITOLÓGICO

20.10.2015

**A**penas, como fenômeno estético

a existência e o mundo se justificam.

Nietzsche

Uma vida em busca da brasa que

dissolva o escuro da alma.

E incendeie o ser.

Que em poesia seja permitida toda ousadia.

Toda agressão à gramática, que se faça o novo sempre  
(make News). E toda transgressão literária possível.

Aberto mar o da palavra

que água revolta lava.

Na consciência da verdade o homem só reconhece o horror ou o absurdo do ser.

Nietzsche

A realidade diária do Brasil é o horror cúbico, pleno, cínico.

O horror brasileiro é a realidade cotidiana (e a verdade das ruas).

Amarra-se Ulisses e bem a seus confortos e saís, à paz do convés longe do mar revolto, à segurança do mastro (que o conduz), aos cordames da vida fácil. O covarde do Odisseu busca a paz da canção sereia, o silêncio do mar sereno, o êxtase da audição, sem exposição a desafios reais. Não é nada exemplar, então.

Nietzsche encorajava pessoas a se libertarem da necessidade de salvação.

O horror é aconchegante.

Heráclito, sublime e obscuro, compara Deus com uma criança, a brincar com a construção do mundo, pedra pra lá, pedra pra cá, e o que falta excede e o excesso falta, até que se cansa, e deixa a coisa como está a degradingolar. É, ao desmoronamento da areia do muro/mundo da criança-Deus do efesiano, a que assistimos hoje, agora aqui: Fiat Lux e Panta Rhei, disse Deus.

E a orgia musical liberta a carne do espírito. É a música bacônica que vem do precipício da dor e da avalanche do desejo para nos enterrar no amor.

## LEMBRAR

**L**embrai-vos das coisas pisadas

dos trastes inacessíveis  
dos vãos estancados e das  
comissuras dos lábios do tempo  
lembrai-vos dos últimos déspotas nus  
das épuras enfermas  
e dos átrios mortos amontoados  
nos velhos ou arruinados adros  
e sob o peso das naves formidáveis  
orações esmagadas (e preces em pó)  
por párocos unidecimais  
de auréolas tintas e dos despojos  
da sexagésima unção escravizados.

Lembrai-vos sempre das empresas  
louvadas nos adjetivos sistemas  
de estancamento lírico.

Lembraí-vos da “orla rútila, tríplíce, fulgida”  
e do cêntimo ou pound que ressoa  
a cada quilate de glória tolhida  
e do infatigável sal lembraí-vos  
e da salínea veste da vida curva  
do orvalho morto lembraí-vos.

E de que alguns poucos sestércios  
compram o senado brasileiro.

Retiro das Águias, 17.10.2015

## NOTAS RINOCERÔNTICAS (A ECO)

**P**oema absoluto é a palavra insinuando-se na página da alma imaginando-se poema

ou/e em ato de expressar o imaginário do poeta, com a potência da maior expressão possível, de modo a “dizer” o que as palavras ainda não disseram.

É a palavra conforme com a forma.

E na poesia absoluta é axiomático que cada poema tenha uma forma diferente de qualquer outro. É a vária forma que caracteriza a Poesia Absoluta.

A matéria do poema absoluto não é só a palavra, mas esta conforme utilizada, isto é, conforme a vária forma (que é o conteúdo).

Alguns (muitos) alegam convictamente que o poema formatizado conforme as leis rígidas e quadricentenárias da versificação evita o tédio, instila o imaginário aritmético, incita o jogo silábico e a caça à rima é algo emocionante... e aventureiro. O verso livre torna-se enfadonho (e fácil...!). Não há atividade imaginativa – e como tal criadora – que seja desinteressante, para quem se dispuser a reimaginá-la para si mesmo, e realizar o potencial de criatividade linguística e literária, isto é, artística, para criar algo novo – e não copiar, repetir ad nauseam algo velho.

Toda atividade criativa – científica, humorística, jornalística, docente, psicológica ou artística é divertida. O ato criativo, desde a geração e evolução dos filhos, até um poema absoluto, é prazeroso igualmente.

O trabalho realmente criativo é do âmbito da inovação – do que Pound dizia make news – exige constante recriação – e não acomodação (a tal zona de conforto que Murilo Gun exacra, despreza e arrasa) é desconfortante para os habituados.

Por isso digo: poesia é para desabituaados, para habituados não é poesia.

Nenhum poema – em especial os bem criativos – se oferta ao leitor pronto e acabado, inteirinho, com começo, meio e fim, nessa ordem exata. Como gosto de dizer: já deglutindo, mastigado, que o poeta vomita na lauda... e leitor “faminto” suga... e fica satisfeito com a saliva da rima. Não. É preciso saborear desde a raiz o poema, refazê-lo, dar-lhe a forma do leitor etc, pois o conteúdo reside nisso, nessa ação poética do leitor leitor.

A ridícula questão: estou tentando compreender o poema... e não consigo... sem dicionário... é algo de tamanha ignorância que dói. Não há o que compreender prosaicamente falando num poema. Se quiser entender (ou dizer algo) use a prosa, que foi feita por Deus para compreender e dizer coisa.

E o (mau)dito poeta, aos milhões, anda por aí, pelas páginas (de livro, jornal, revista e facebook) espalhando poemas prosaicos, versos arremedados, histórias enformadas em versos, seccionadas em linhas etc.

15.10.2015

# CRIAÇÃO: CARÁTER ABSOLUTO

(Crônica)

**O** que caracteriza, colocando-o, num patamar inédito, o poeta absoluto, é que o poema por ele produzido em composição livre de regras anacrônicas (a única regração é a do imaginário, que é caótico porque criativo e liberto de limitações e horizontes razoáveis), pode (e deve) contrariar os sentidos, não os físicos, mas a evidência dos sentidos, das coisas ou das palavras. Tudo pode ser contrariada, no poema absoluto, o que dá uma margem sem precedências e mesmo uma sensação criativa inusitada e inédita ao poeta criador.

As evidências costumeiras, a que as palavras automaticamente nos levam (como diretores de nossa consciência), no poema absoluto, quebram a cara, são poderosamente desqualificadas, descredenciadas, anuladas, porque a mente criativa é desautomatizada (e não há direção possível no âmbito da inconsciência, pois o id é livre e autônomo, o que reflete na liberdade e autonomia do poema não relativo.

É uma criação da mente humana e não mera projeção ideológica comprometida do ego, da visão externa e metafísica, que se tem do mundo e das coisas. O que seja do âmbito do id é misterioso, meio que de aparência irracional, destituído de sentido imediato, não crível (ou incrível), vigoroso, sublime, estético, artístico – e nunca vulgar, a nível da massa ignara.

Esse aspecto inconclusivo que assume o poema é vital, essa fuga da forma clássica sempre igual e repetitiva, capaz de confundir com fôrma, é imprescindível para caracterizar o poema absoluto. Que traz em si descontinuidade, dissimetria, fragmentação, certo grande teor de incompreensão e completo inacabamento. O poema absoluto dispensa acabamento. Ele é, além de inacabado, inacabável.

Causam e são causados por visões esplêndidas, quase sublimes ou siderantes, por majestosas mundividências – por aquilo que o alemão chama de weltanssuung – concepção do mundo: os poemas absolutos.

É isso que promove uma conexão entre o humano e o cósmico, á base de um link ou liame irracional, inédito, vez que tudo o que seja bem racional é artificial em essência.

É possível distinguir e reproduzir num poema as veias da galáxia (veias encarnadas na mente do mundo) e a voz de Deus. Bem como todo o hélio usado na criação e a fábrica de átomos que o criador, instalou no arredor de sua oficina vital.